clássicos

do horror, do estranho e do sobrenatural n° 4



Contos de W.W. Jacobs, Saki e Catherine Crowe

ficções
pulp!

Clássicos do horror, do estranho e do sobrenatural nº 4

Apresentando narrativas de:

W.W. Jacobs, Saki e Catherine Crowe

Os contos presentes neste e-book são obras de domínio público, conforme a legislação brasileira vigente.

Tradução:

Diego Quadros

FICÇÕES PULP!

www.ficcoespulp.com

@ficcoespulp

Brasil – 2021

SUMÁRIO

Apresentação

O navio perdido

W.W. Jacobs

Os lobos de Czernogratz

Saki

A história de minha amiga

Catherine Crowe

O selo Ficções Pulp!

Outras publicações

APRESENTAÇÃO

Na edição de n° 4 de “Clássicos do horror, do estranho e do sobrenatural”, apresentamos narrativas curtas de três renomados autores britânicos das eras vitoriana e eduardiana.

Em **“O navio perdido”**, de W.W. Jacobs, a população da cidadezinha portuária de Tetby perde a esperança de regresso do único navio construído e tripulado por seus habitantes, até que a aparição de um de seus membros reacende as expectativas.

“Os lobos de Czernogratz”, de Saki, relata a descrença de uma família de aristocratas a respeito da lenda que paira sobre os antigos proprietários do castelo para o qual se mudaram: os Czernogratz.

Já em **“A história de minha amiga”**, Catherine Crowe apresenta o relado a respeito de uma aparição que causa pavor nas pessoas que ousam visitar Belfry, uma residência comum num povoado do interior que nem de longe lembra as casas mal-assombradas dos contos de terror.

“Clássicos do horror, do estranho e do sobrenatural” é uma série de pequenas antologias que, a cada edição, apresenta três narrativas inéditas de autores clássicos da literatura estrangeira com traduções exclusivas.

Que aproveitem a leitura!

O NAVIO PERDIDO

W.W. Jacobs

Em uma bela manhã de primavera, no início do século atual, Tetby, um pequeno porto na costa leste, estava de folga. Os comerciantes deixaram suas lojas, os operários, seu trabalho, e todos se reuniram no ambiente marítimo e sossegado do cais.

Como de costume, Tetby era um lugarzinho tranquilo e monótono, agrupando-se em um minúsculo povoado de um lado do rio e, do outro, empoleirando casinhas de telhas vermelhas espalhadas pelos penhascos.

Agora, no entanto, as pessoas estavam aglomeradas no píer, com seus amontoados de cestos de peixes e rolos de corda, esperando ansiosamente, pois, nesta ocasião, o maior navio já construído em Tetby, pelas mãos de Tetby, estava para iniciar sua primeira viagem.

Enquanto esperavam, discutindo sobre os navios de Tetby do passado, seus construtores, suas viagens e seus destinos, um pedacinho de vela branca apareceu sobre a nobre barca em seu ancoradouro rio acima. Os grupos no cais ficaram animados à medida que mais velas foram erguidas e, de maneira lenta e imponente, a nova embarcação se aproximou. Quando a brisa suave tocou suas velas, ela veio mais rápido, singrando as águas como um pato. Seus mastros elevados apontavam para o céu, enquanto rompiam as nuvens brancas de uma pintura. Ela passou a dez braças do cais, e os homens aplaudiram e as mulheres ergueram os filhos para acenar em despedida, pois era tripulada, de capitão a grumete, por homens de Tetby em viagem para os distantes mares do sul.

Fora do porto, o navio alterou um pouco sua rota e se curvou, feito uma coisa viva, ao vento que soprava lá fora. A tripulação saltou para o cordame, balançou os bonés e beijou as mãos sujas para Tetby, cada vez mais distante. Foram respondidos por aclamados vivas da costa, roucos e masculinos, para afogar a comoção lacrimosa das mulheres.

Observaram o navio até que seus olhos ficassem embaçados e ele se transformasse em um mero ponto branco e triangular no horizonte. Então, como um floco de neve derretendo, ele desapareceu no ar, e o povo de Tetby, alguns invejando os marinheiros corajosos e outros gratos por suas vidas terem sido moldadas sobre a costa segura e agradável, lentamente se dispersaram para suas casas.

Meses se passaram e a rotina sossegada de Tetby continuou imperturbável. Outras embarcações atracaram no porto e, descarregando e carregando de maneira fácil e eficiente, zarparam novamente. A quilha de outro navio era colocada no estaleiro e, lentamente, chegou

a hora em que o retorno do Orgulho de Tetby, pois assim fora chamado, poderia ser razoavelmente aguardado.

Temia-se que pudesse chegar durante a noite — a triste e fria noite, quando esposas e filhos estariam na cama, e, mesmo se despertados para descer ao cais, não veriam mais do que suas luzes laterais manchando a água e sua forma escura esgueirando-se cautelosamente rio acima. Gostariam que viesse durante o dia. Para vê-lo primeiro naquele horizonte, no qual havia mergulhado e desaparecido. Para vê-lo chegar cada vez mais perto, o bom e robusto navio temperado pelos mares e sóis meridionais, com a tripulação aglomerando-se nas laterais a fim de contemplar Tetby e ver como as crianças haviam crescido.

Porém o navio não chegou. Dia após dia, os observadores esperaram por ele em vão. Finalmente, rumorejou-se que estava atrasado e, mais tarde, mas apenas por aqueles que não tinham amigos ou parentes a bordo, que estava desaparecido.

Muito depois de todas as esperanças desaparecerem, esposas e mães, à maneira de sua espécie, observavam e esperavam no melancólico cais. Uma por uma, elas se afastaram e se esqueceram dos mortos para cuidar dos vivos. Os bebês se transformaram em meninos e meninas robustos e de rostos corados; meninos e meninas, em rapazes e moças, mas nenhuma notícia do navio desaparecido, nenhuma palavra dos homens desaparecidos. Lentamente, os anos se sucederam e o navio perdido se tornou uma lenda. O homem que o construíra estava velho e grisalho, e o tempo suavizara as tristezas dos enlutados.

Foi em uma noite escura e ruidosa de setembro que uma velha estava sentada à lareira, tricotando. O fogo estava baixo, pois era mais por causa da companhia do que do calor, e formava um contraste agradável com o vento que assobiava ao redor da casa, trazendo nas asas o som das ondas que chegavam à costa.

— Deus ajude os que estão no mar esta noite — disse a velha, devotadamente, quando uma rajada mais forte do que o normal sacudiu a casa.

Ela pôs o tricô no colo e juntou as mãos. Naquele momento, a porta da cabana se abriu. A lamparina acendeu-se e fumegou pela chaminé com a corrente de ar, e depois apagou-se. Quando a velha se levantou do assento, a porta se fechou.

— Quem está aí? — ela gritou nervosamente.

Seus olhos ficaram embaçados e a escuridão se tornou repentina, mas ela imaginou ter visto algo parado perto da porta e, arrancando um pedaço do suporte da lareira, jogou-o no fogo e reacendeu a lamparina.

Um homem estava na soleira, um homem de meia-idade, com o rosto pálido e a barba desgrenhada. Suas roupas estavam em farrapos, seu cabelo despenteado e seus olhos, cinza-

claros, afundados e cansados.

A velha olhou para ele e esperou que falasse. Quando ele o fez, deu um passo em sua direção e disse:

— Mãe!

Com um enorme grito, ela se jogou sobre o pescoço dele, puxou-o contra os seios murchos, e o beijou. Não podia acreditar em seus olhos, seus sentidos, mas o abraçou convulsivamente e pediu-lhe que falasse novamente, e chorou e agradeceu a Deus, e riu-se toda em um suspiro.

Então ela voltou a si e o levou, cambaleando, até a antiga cadeira Windsor. Empurrou-o nela e, tremendo de excitação, pegou comida e bebida do armário e pôs diante dele. Ele comeu com vontade. A velha o observava e permanecia ao seu lado para manter o copo cheio de cerveja caseira. Às vezes, ele tentava falar, mas ela gesticulava para que se calasse e pedia-lhe que comesse. As lágrimas escorriam pelas bochechas envelhecidas, enquanto olhava para o seu rosto descorado e faminto.

Por fim, ele largou o garfo e a faca e, bebendo a cerveja, deu a entender que havia terminado.

— Meu menino, meu menino — disse a velha, com a voz embargada. — Pensei que você tivesse afundado com o Orgulho de Tetby há muitos anos.

Ele balançou a cabeça pesadamente.

— O capitão, a tripulação e o bom navio — perguntou a mãe. — Onde estão?

— O capitão... e... a tripulação — respondeu o filho, de uma forma estranhamente hesitante. — É uma longa história... a cerveja me deixou alto. Eles estão...

Ele parou abruptamente e fechou os olhos.

— Onde estão? — perguntou a mãe. — O que aconteceu?

Ele abriu os olhos lentamente.

— Eu... estou... cansado... morto de cansaço. Eu não dormi. Eu contarei... a você... pela manhã.

Ele balançou a cabeça outra vez, e a velha o sacudiu suavemente.

— Vá para a cama, nesse caso. Sua velha cama, Jem. Está como você a deixou, arrumada e com os lençóis arejados. Está pronta para você desde então.

Ele se levantou e ficou oscilando de um lado para o outro. Sua mãe abriu uma porta na parede e, ao pegar a lamparina, iluminou-o pela íngreme escada de madeira até o quarto que conhecia tão bem. Em seguida, ele a tomou nos braços em um debilitado abraço e, beijando-a na testa, sentou-se cansado na cama.

A velha retornou para a cozinha e, caindo de joelhos, permaneceu por algum tempo em estado de êxtase grato e devoto. Quando se levantou, pensou nessas outras mulheres e, arrancando um xale do cabide atrás da porta, correu pela rua deserta com suas notícias.

Em pouquíssimo tempo, a cidade ficou agitada. Como um sopro de esperança, o murmúrio voou de casa em casa. Portas fechadas durante a noite foram escancaradas, e crianças curiosas questionavam suas chorosas mães. Imagens borradas de maridos e pais havia muito entregues à morte se destacaram nítidas e distintas, sorrindo com os rostos brilhantes de seus entes queridos.

Na porta da casa, duas ou três pessoas já haviam se reunido, e outras subiam a rua em um alvoroço incomum.

Encontraram seu caminho barrado por uma velha — uma velha decidida, seu rosto ainda exibia a grande alegria que aparecera em sua vida longeva, e que recusava a entrada deles até que o filho despertasse. A sede por notícias era incontrolável, mas com um inchaço na garganta ela percebeu que sua parte no Orgulho de Tetby estava em segurança.

Mulheres que haviam esperado pacientemente, por fim, após anos de espera, não conseguiram suportar essas poucas horas adicionais. O desespero era suportável, mas o suspense! “Ah, meu Deus! Seus homens estariam vivos? Como ele estava? Envelhecera muito?”

— Ele estava tão cansado que mal conseguia falar — respondeu. Ela o questionara, mas ele não conseguiu responder. — Deem-lhe apenas até o amanhecer, e saberão de tudo.

Assim, eles esperaram, pois ir para casa dormir era impossível. Ocasionalmente, subiam um pouco a rua, mas nunca muito longe, e, reunidos em pequenos grupos, discutiam com entusiasmo o grande acontecimento. Ficou claro que o resto da tripulação naufragara em uma ilha desabitada, não poderia ser outra coisa, e, sem dúvida, logo estaria com eles. Todos, exceto um ou dois, talvez, que eram velhos quando o navio partiu e provavelmente morreram nesse meio tempo. Alguém falou isso próximo a uma velha cujo marido, se vivo, estaria em idade extremamente avançada, mas ela sorriu pacificamente, embora seu lábio tremesse, e disse que só esperava ouvir falar dele, só isso.

O suspense tornou-se quase insuportável “Esse homem nunca acordaria? Nunca amanheceria?” As crianças estavam geladas com o vento, mas os seus pais dificilmente sentiriam uma geada do Ártico. Com impaciência crescente, esperavam, espiando às vezes duas mulheres que mantinham uma certa distância das outras; duas mulheres que haviam se casado novamente e cujos segundos maridos esperavam, bastante sem jeito, ao seu lado.

A noite exaustiva e ventosa passava lentamente. A velha, surda aos seus apelos, ainda

mantinha a porta fechada. O amanhecer ainda não havia chegado, embora os relógios, consultados frequentemente, anunciassem-no próximo. Estava muito perto agora, e os observadores se reuniram à porta. Era inegável que as coisas eram vistas com um pouco mais de nitidez. Podia-se enxergar melhor os rostos cinzentos e ansiosos de seus vizinhos.

Bateram à porta, e os olhos da velha ficaram marejados quando ela a abriu e viu aqueles rostos. Sem convite nem reprimenda, invadiram a casa e se aglomeraram em volta da porta.

— Vou subir e buscá-lo — disse a velha.

Se cada um pudesse ouvir as batidas de coração dos outros, o barulho seria ensurdecedor, mas o silêncio era total, exceto pelo soluço exagerado de alguma mulher.

A velha abriu a porta que dava para o quarto de cima e, com os passos lentos e deliberados da idade, subiu as escadas. Os que estavam embaixo a ouviram chamar suavemente pelo filho.

Dois ou três minutos se passaram e ela foi ouvida descendo as escadas novamente — sozinha. O sorriso, a pena, haviam sumido de seu rosto, e ela parecia atordoada e estranha.

— Eu não consigo acordá-lo — disse suplicante. — Ele dorme pesado. Está fatigado. Eu o sacudi, mas ele ainda dorme.

Quando ela parou e olhou ao redor em apelo, a outra senhora pegou sua mão e, pressionando-a, levou-a até uma cadeira. Dois dos homens subiram rapidamente as escadas. Ficaram ausentes por um curto momento e então desceram perplexos e angustiados. Não era preciso explicar. Um gemido baixo de profunda miséria ergueu-se das mulheres e foi arrebatado e repetido pela multidão do lado de fora, pois o único homem que poderia tranquilizar seus corações escapara dos perigos das profundezas e morrera silenciosamente em sua cama.

W.W. JACOBS

William Wymark Jacobs (1863-1943) foi um autor inglês de contos e romances. Embora grande parte de seu trabalho tenha sido no gênero humor, ele é mais famoso por seu macabro *A pata do macaco* (1902) e várias outras histórias de fantasmas, incluindo *The toll house* (1909) e *Jerry Bundler* (1901). *A pata do macaco*, um conto de superstição e terror que se desdobra em um cenário realista e dickensiano de calor e aconchego familiar, é um exemplo feliz da capacidade de Jacob de combinar a vida cotidiana e o humor sutil com aventura exótica e medo.

OS LOBOS DE CZERNOGRATZ

Saki

— Há alguma lenda antiga ligada ao castelo? — perguntou Conrad à sua irmã. Conrad era um próspero comerciante de Hamburgo, mas o único membro de disposição poética em uma família eminentemente prática.

A Baronesa Gruebel encolheu os ombros rechonchudos.

— Sempre há lendas pairando sobre esses lugares antigos. Não são difíceis de inventar e não custam nada. Neste caso, conta-se que quando alguém morre no castelo, todos os cães da aldeia e as feras da floresta uivam a noite inteira. Não seria agradável de ouvir, não é?

— Seria estranho e romântico — observou o comerciante de Hamburgo.

— De qualquer forma, não é verdade — respondeu a Baronesa, complacentemente. — Desde que compramos o lugar, temos a prova de que nada disso acontece. Quando a velha sogra morreu na primavera passada, todos nós escutamos, mas não houve nenhum uivo. É apenas uma história que dá dignidade ao lugar sem custar nada.

— A história não é como você contou — disse Amalie, a velha governanta grisalha. Todos se viraram e olharam para ela com espanto. Costumava sentar-se calada, puritana e esmaecida em seu lugar à mesa, sem nunca falar a menos que alguém falasse com ela, e havia poucos que se preocupavam em conversar com ela. Hoje, uma volubilidade repentina descera sobre si; continuou a falar, rápida e nervosamente, olhando diretamente à sua frente e parecendo não se dirigir a ninguém em particular.

— Não é quando *alguém* morre no castelo que se ouvem os uivos. Era quando um membro da família Cernogratz morria aqui que os lobos vinham de longe e de perto e uivavam na beira da floresta pouco antes da hora da morte. Havia apenas alguns poucos lobos que tinham suas tocas nesta parte da floresta, mas, em tais ocasiões, os tratadores dizem que apareciam muitos deles, deslizando nas sombras e uivando em coro, e os cães do castelo e da aldeia e de todas as fazendas ao redor ganiam e uivavam de medo e de raiva ao coro dos lobos, e quando a alma do moribundo deixasse seu corpo, uma árvore caía no jardim. Era o que acontecia quando um Cernogratz morria no castelo de sua família. Mas para um estranho morrendo aqui, é claro que nenhum lobo uivaria e nenhuma árvore cairia. Ah não.

Havia um tom de desafio, quase de desprezo, em sua voz quando disse as últimas palavras. A Baronesa, bem alimentada e muito bem vestida, olhou com raiva para a velha deselegante que saíra de sua posição usual e decorosa de humildade para falar tão desrespeitosamente.

— Você parece saber bastante sobre as lendas de von Cernogratz, Fraulein Schmidt — ela disse rispidamente. — Eu não sabia que histórias de família estavam entre os assuntos em que você deveria ser proficiente.

A resposta à sua provocação foi ainda mais inesperada e surpreendente do que o surto coloquial que a originara.

— Eu também sou uma von Cernogratz — disse a velha. — Por isso conheço a história da família.

— Você é um von Cernogratz? Você! — veio em um coro incrédulo.

— Quando ficamos muito pobres — explicou ela —, e tive que sair para dar aulas, escolhi outro nome. Achei que seria mais adequado. Mas meu avô passara boa parte da infância neste castelo, e meu pai costumava me contar muitas histórias sobre ele. Claro, eu conhecia todas as lendas e histórias da família. Quando não sobra nada além de lembranças, guarda-se e limpa-se com cuidado especial. Na época em que comecei a trabalhar com vocês, não pensei que um dia viria para a antiga casa de minha família. Eu desejaria que tivesse sido em qualquer outro lugar.

Fez-se silêncio assim que ela terminou de falar, e então a Baronesa mudou a conversa para um assunto menos embaraçoso do que histórias de família. Mas depois, quando a velha governanta se afastou silenciosamente para cumprir seus deveres, formou-se um clamor de escárnio e descrença.

— Foi uma impertinência — retrucou o Barão. Seus olhos protuberantes assumiram uma expressão escandalizada. — Imagine a mulher falando assim na nossa mesa. Ela quase nos disse que não éramos ninguém, e não acredito em uma palavra. Ela é apenas Schmidt e nada mais. Ela tem conversado com alguns dos camponeses sobre a velha família Cernogratz e revolvido sua história e lendas.

— Ela quer se livrar de alguma consequência — disse a Baronesa. — Sabe que em breve não poderá mais trabalhar e quer apelar à nossa solidariedade. Seu avô, sério!

A Baronesa tinha o número usual de avôs, mas nunca, nunca tirara vantagem deles.

— Ouso dizer que o avô dela era um ajudante de despensa ou algo do tipo no castelo — riu o Barão. — Essa parte da história pode ser verdadeira.

O comerciante de Hamburgo não disse nada. Ele vira lágrimas nos olhos da velha, enquanto ela falava em guardar suas memórias — ou, sendo de temperamento imaginativo, ele pensava que sim.

— Darei a ela o aviso-prévio logo que terminem as festas de fim de ano — disse a Baronesa. — Até lá, estarei muito ocupada para administrar sem ela.

Mas ela teve que se virar sozinha do mesmo jeito, pois no clima frio e cortante após o Natal, a velha governanta adoeceu e ficou em seu quarto.

— É muito aborrecedor — disse a Baronesa, enquanto seus convidados se sentavam ao redor do fogo em uma das últimas noites do ano que se extinguia. — Durante todo o tempo em que esteve conosco, não consigo me lembrar de que tenha ficado gravemente doente, doente demais para andar e fazer seu trabalho, quero dizer. E agora, quando estou com a casa cheia e ela poderia ser útil de tantas maneiras, fica de cama. É claro que sentimos muito por ela, parece tão murcha e encolhida, mas é intensamente irritante ao mesmo tempo.

— Muito irritante — concordou a esposa do banqueiro, com simpatia. — É o frio intenso, imagino, que assola os velhos. Este ano está excepcionalmente frio.

— A geada é a mais forte de que se tem notícia em dezembro há muitos anos — disse o Barão.

— E, claro, ela está bem velha — disse a Baronesa. — Gostaria de ter lhe dado o aviso-prévio algumas semanas atrás, então ela teria ido embora antes que isso lhe acontecesse. Ora, Wappi, o que há com você?

O cachorrinho lanoso pulou repentinamente de sua almofada e rastejou tremendo sob o sofá. No mesmo instante, uma explosão de latidos raivosos veio dos cães no pátio do castelo, e outros cães podiam ser ouvidos ganindo e latindo a distância.

— O que está incomodando os animais? — perguntou o Barão.

E então os humanos, escutando atentamente, ouviram o som que havia despertado os cães às suas demonstrações de medo e raiva. Ouviram um longo uivo choroso, aumentando e diminuindo, parecendo em um momento a léguas de distância, em outros varrendo a neve até que aparentasse vir do sopé das muralhas do castelo. Toda a miséria faminta e fria de um mundo congelado, toda a fúria da fome implacável da selva, misturada com outras melodias desamparadas e assustadoras às quais ninguém poderia dar nome, pareciam concentradas naquele grito lamentoso.

— Lobos! — exclamou o Barão.

A música deles irrompia em uma explosão furiosa, parecendo vir de todos os lugares.

— Centenas de lobos — disse o comerciante de Hamburgo, que era um homem de grande imaginação.

Movida por algum impulso que não saberia explicar, a Baronesa deixou seus convidados e dirigiu-se ao quarto apertado e melancólico onde a velha governanta estava deitada, assistindo as horas do ano que se extinguia passarem. Apesar do frio cortante da noite de inverno, a janela estava aberta. Com uma exclamação escandalizada nos lábios, a Baronesa correu para

fechá-la.

— Deixe aberta — disse a velha, com uma voz que, apesar de toda a sua fraqueza, carregava um ar de comando que a Baronesa jamais ouvira de seus lábios.

— Mas você vai morrer de frio! — ela protestou.

— Estou morrendo de qualquer maneira — disse a voz. — E quero ouvir a música deles. Vieram de longe para cantar a música fúnebre de minha família. É lindo que tenham vindo. Sou a última von Cernogratz que morrerá em nosso antigo castelo, e eles vieram cantar para mim. Ouça, o quão alto estão uivando!

O grito dos lobos erguia-se no ar intrêmulo do inverno e flutuava ao redor das paredes do castelo em longos e penetrantes lamentos. A velha se recostou no sofá com uma expressão de felicidade no rosto havia muito adiada.

— Vá embora — disse ela à Baronesa. — Não estou mais sozinha. Sou parte de uma grande e antiga família...

— Acho que ela está morrendo — disse a Baronesa ao se juntar aos convidados. — Suponho que devemos chamar um médico. E aqueles uivos terríveis! Nem por muito dinheiro eu gostaria desse coro fúnebre.

— Essa música não pode ser comprada por nenhuma quantia de dinheiro — disse Conrad.

— Ouça! Que outro som é esse? — perguntou o Barão, quando um barulho de rachadura e impacto foi ouvido.

Era uma árvore caindo no jardim.

Houve um momento de silêncio constrangedor e então a esposa do banqueiro falou:

— É o frio intenso que está partindo as árvores. Foi também o frio que trouxe tantos lobos para fora. Há muitos anos não temos um inverno tão frio.

A baronesa concordou ansiosamente que o frio era o responsável por tais coisas. Foi o frio da janela aberta, também, que causou a insuficiência cardíaca, o que tornou os cuidados do médico desnecessários para a velha Fraulein. Mas a nota nos jornais parecia adequada:

“No dia 29 de dezembro, em Schloss Cernogratz, Amalie von Cernogratz, por muitos anos a querida amiga do Barão e da Baronesa Gruebel.”

SAKI

Hector Hugh Munro (1870-1916), mais conhecido pelo pseudônimo de Saki, e também frequentemente como H.H. Munro, foi um escritor britânico cujas histórias espirituosas, provocadoras e às vezes macabras satirizam a sociedade e a cultura eduardiana.

É considerado um mestre do conto. Influenciado por Oscar Wilde, Lewis Carroll e Rudyard Kipling, ele mesmo influenciou A.A. Milne, Noël Coward e P.G. Wodehouse.

A HISTÓRIA DE MINHA AMIGA

Catherine Crowe

— Não sei quantas vezes você já prometeu me contar uma coisa extraordinária, no gênero fantasmagórico, que lhe aconteceu — disse eu, outro dia, à minha amiga. — Mas algo sempre atrapalhava. Agora serei muito grata a você pelos detalhes, se não tiver objeções à minha publicação da história.

— Nenhuma — disse ela. — Exceto no que diz respeito a nomes de pessoas e lugares. As circunstâncias são tão singulares que acho que merecem ser registradas. A parte do caso que aconteceu comigo eu atesto. E só posso dizer que tenho plena confiança na verdade do resto, e que todas as averiguações que fiz tenderam a confirmar a história.

"Eu lembro de você perguntar, certa vez, por que eu tão raramente visitava nossa casa em S., e eu disse que era tão terrivelmente *triste* que não podia habitá-la. Você talvez suponha que o que vou relatar aconteceu lá, mas não, pois a casa não tem sequer a reputação de ser assombrada — isso lhe daria pelo menos algum proveito —, mas lamento dizer que o único proveito é que ela passou a ser nossa. Enfadonha como tal, de qualquer forma, moramos nela por algum tempo, pouco depois de me casar. Eu não tinha filhos, o que tornava tudo mais enfadonho, especialmente quando meu marido era convocado. E, em uma dessas ocasiões, alguns conhecidos, que moravam em um lugar chamado Bellfry, a cerca de três quilômetros de distância, convidaram-me para visitá-los por alguns dias.

"Bellfry é uma casa quadrada comum, semelhante a que um médico ou advogado habitariam em uma cidade provinciana: um pequeno portão em vaivém branco, um gramado redondo com algumas dálias dispersas, uma estrada de cascalho que leva ao pequeno pórtico e uma sineta terrível para tocar quando se deseja ser anunciado. Isso em seu exterior. O interior não é mais sugestivo para a imaginação. No andar térreo, há a sala de estar de um lado e o saguão do outro, com uma longa passagem que leva aos escritórios nos fundos. No andar de cima, uma espécie de corredor, com quartos sombrios que se abrem para ele. Decididamente sem graça, mas perfeitamente prosaica, não fora de maneira alguma calculada para inspirar terrores fantasmagóricos. E, de fato, devo confessar que o sobrenatural, como é chamado, era um assunto que, àquela época, nunca havia prendido minha atenção. Menciono tudo isso para mostrar que o que aconteceu não foi 'fruto de minha imaginação excitada', como os eruditos sempre dizem sobre tais coisas. Além disso, eu era jovem e, tanto quanto possa acreditar, gozava de boa saúde.

“O quarto que me cederam era o melhor. Simples, mas confortavelmente mobiliado, com uma grande cama de quatro colunas. E dava para o cemitério, mas essa não é uma perspectiva incomum nas cidades do interior, e não pensei nada a respeito. Agora que entendemos melhor essas coisas, acho que não seja fantasmagórico, mas insalubre.

“Nas primeiras duas ou três noites em que dormi lá, nada de especial aconteceu. Mas, na quarta ou quinta noite, logo depois de adormecer, fui despertada por um ruído que parecia estar muito perto de mim. Ao escutar com atenção, ouvi um farfalhar e o som de passos no chão. Esqueci por um momento que trancara a porta e, concluindo que era a governanta, que às vezes aparecia quando eu ia deitar para perguntar se estava confortável, eu disse: ‘É você, Sra. H?’ Mas não houve resposta, ao que me sentei e olhei em volta. Como não vi ninguém, embora ainda escutasse o barulho, pulei da cama. Então observei, pois era uma noite de luar brilhante, que havia uma grande árvore no adro da igreja, muito próxima à janela, e concluí que uma brisa soprara e fizera os galhos tocarem o vidro. Portanto, deitei-me novamente, bastante satisfeita, e me acomodei para dormir. Mal fechei os olhos, porém, quando os passos recomeçaram, desta vez muito distintos para serem confundidos com qualquer outra coisa; e, enquanto ouvia com espanto, percebi um suspiro profundo. Eu havia me erguido sobre o cotovelo, para ter meus ouvidos livres, e logo vi as cortinas ao pé da cama, que estavam fechadas, abrindo lenta e suavemente. Não enxerguei nenhuma figura, mas elas foram separadas, aparentemente, pelas duas mãos de alguém que se encontrava ali. Saltei da cama e corri para fora do quarto, gritando por socorro pelo corredor. Todos que me ouviram, levantaram-se e saíram de seus quartos para saber o que acontecera, mas não tive coragem de dizer a verdade. Tive medo de ofender ou cair no ridículo, e disse que fora acordada por um barulho em meu quarto e temera que alguém estivesse escondido lá. Eles entraram comigo e procuraram. Claro, ninguém foi encontrado. Um sugeriu que era um rato, outro que era um sonho e assim por diante. Mas então, e ainda mais na manhã seguinte, imaginei que, em razão de suas atitudes, eles conheciam melhor meu visitante da meia-noite do que preferiram dizer. De qualquer forma, mudei de quarto e logo depois deixei Bellfry, onde nunca mais dormi desde então. A história termina aí, no que me diz respeito. Mas há uma sequência para o conto.

“Devo dizer-lhe que nunca mencionei tais circunstâncias porque sabia que seria apenas motivo de risos. Além disso, julguei que poderia aborrecer meus anfitriões, pois eles tinham a intenção de viajar para o exterior por algum tempo, e isso poderia interferir na sua partida.

“Agora, para a minha sequência.

“Dois ou três anos após esta ocorrência, adoeci desesperadamente. Primeiro, dei à luz uma

criança que não sobreviveu. Depois, fui atacada pela febre tifoide, que assolava a vizinhança. Estive à beira da morte por onze semanas e não esperava me recuperar. Porém, veja só, eu me recuperei, *nonobstant messrs. les medicins*. Mas eu estava havia tanto tempo resgatando minhas forças, que me recomendaram experimentar os efeitos de uma viagem marítima. Mesmo assim, não conseguia me sentar e fui conduzida como um bebê. Uma vez que uma boa criada não teria utilidade a bordo do iate, contrataram a filha de um marinheiro para me acompanhar. Uma jovem forte e saudável, a quem meu peso era de uma pluma. Ela cuidava de mim com a maior atenção, e eu a achava simples, verdadeira e direta. Tanto que pensei em contratá-la permanentemente. Com essa intenção, e também porque ajudava a passar o tempo, questionei-a sobre sua família e o modo de vida de sua classe na parte remota da qual viera.

— Suponho, Mary, que você nunca esteve fora de casa antes?

— Ah, sim, senhora. Trabalhei como empregada doméstica por um curto período em Belfry, não muito longe de sua residência, senhora. Mas logo deixei aquele lugar e nunca mais me afastei de casa.

— Mas por que você foi embora? Não gostou do lugar?

— Não, senhora.

— Mas por quê? Talvez você tivesse muito o que fazer?

— Não, senhora, não era um trabalho difícil. Mas coisas desagradáveis aconteceram, então fui embora.

— Que tipo de coisas desagradáveis? — perguntei, com minha própria aventura por lá subitamente retornando à memória.

"Ela hesitou e avisou que eu talvez ficasse alarmada. Também fizera uma espécie de promessa aos seus patrões de não falar a respeito, e nunca mencionou o que acontecera a não ser para seus pais, a fim de explicar a partida tão repentina. Assegurei-lhe que não ficaria alarmada e superei seus escrúpulos. Então, ela me contou o que se segue.

"Parece que trabalhara como criada em Bellfry cerca de dois anos antes de minha visita. Pouco depois de sua chegada, sua patroa ficou muito mal e seu patrão passou a dormir no outro lado da casa, enquanto Mary arrumou sua cama no quarto de vestir, para estar por perto caso a inválida precisasse de algum auxílio durante a noite. Tinha instruções para deixar um lanche pronto, caso necessário, e, por volta das duas da manhã, a patroa avisou que gostaria de um pouco de caldo. Mary levantou-se e, vestida pela metade, desceu as escadas com uma vela na mão para buscar um pouco do caldo que deixara fervendo em fogo baixo na cozinha. Enquanto descia o último lance de escadas, ficou bastante surpresa ao ver uma luz brilhante saindo da cozinha — cuja porta estava aberta —, muito mais brilhante do que poderia provir

do fogo, pois toda a passagem estava iluminada por ela. Seu primeiro e muito natural pensamento era de que havia ladrões na casa. Estava prestes a correr escada acima para voltar ao quarto da patroa, quando lhe ocorreu que um dos criados poderia estar na cozinha a fim de apanhar algum objeto. Ela parou e escutou, mas não havia o menor som — tudo estava em silêncio. Então, pensou que algo poderia estar queimando. Assim, um tanto assustada, avançou na ponta dos pés e espiou, quando, para sua surpresa, viu uma senhora vestida de branco sentada perto do fogo, para o qual olhava triste e pensativa. Suas mãos estavam sobre os joelhos, e dois grandes galgos — lindos cachorros, disse Mary — sentavam a seus pés. Ambos olhavam para o rosto dela com ternura. Seu vestido parecia feito de cambraia ou algodão, e, segundo a descrição de Mary, era do tipo usado pelas damas no século XVII.

"A cozinha estava tão clara como se iluminada por vinte velas, mas isso não a incomodou, disse ela. Tão tranquilizada pelo surgimento de uma senhora em vez de um bando de ladrões, não lhe ocorreu questionar quem ela era ou como viera parar lá. Dizendo 'Com licença, senhora', Mary entrou na cozinha, fez uma reverência e foi em direção ao fogo, mas conforme avançava, a visão recuava, até que, finalmente, senhora, cadeira e cachorros deslizaram pela janela fechada, e então a figura apareceu ereta no jardim, com o rosto perto das vidraças e os olhos mirando com tristeza e sinceridade a pobre Mary.

— E o que você fez então, Mary? — disse eu.

— Oh, senhora, então me senti muito estranha e caí no chão com um grito.

"Seu patrão ouviu o grito e desceu para ver o que estava acontecendo. Quando ela lhe contou o que testemunhara, ele se esforçou para persuadi-la de que era tudo fantasia, mas Mary afirmou que sabia se tratar de algo mais do que isso. No entanto, prometeu não falar a respeito, pois poderia assustar sua patroa doente.

"Posteriormente, ela encontrou a mesma aparição melancólica andando de um lado para o outro no corredor que dava para o quarto no qual eu havia dormido. Não gostando desse reencontro, ela o informou aos patrões e partiu do local.

"Mary não soube de mais nada, pois sua casa ficava a alguma distância de Bellfry, que ela não tornara a visitar desde então: mas quando eu recuperei minha saúde e voltei para aquela parte do país, descobri, ao inquirir, que tal aparição assombrava não apenas a casa, mas a vizinhança, e conversei com várias pessoas que afirmaram tê-la visto, geralmente sozinha, mas às vezes acompanhada pelos dois cachorros.

"Uma mulher disse que não tinha medo e que, caso encontrasse o fantasma, estaria determinada a tocá-lo, a fim de verificar se era positivamente uma aparição. Ela a encontrou ao cair da noite no caminho que passa pela estrada principal entre o Bellfry e G., e estendeu o

braço para segurar o vestido. Ela não sentiu substância alguma, mas descreveu a sensação como se tivesse mergulhado a mão em água fria.

"Outra pessoa a viu passar pela cerca viva e observou que podia ver a cerca através da figura enquanto ela deslizava para o jardim.

"Diz-se que esta infeliz senhora era ancestral do proprietário original do lugar, que se casara com um homem que amava, contrariando o conselho de suas amigas, e tarde demais descobriu que ele unira-se a ela apenas pelo seu dinheiro, necessário para reparar sua fortuna arruinada. Ao mesmo tempo, ele estava completamente apaixonado pela irmã mais nova dela, cuja porção da herança era pequena demais para seu propósito.

"A irmã veio morar com os recém-casados e, sem suspeitar de nada, a esposa ficou algum tempo totalmente incapaz de explicar a conduta misteriosa e alienada de seu marido. Por fim, ela despertou para a terrível realidade, mas, incapaz de superar sua paixão, continuou a viver sob seu teto, sofrendo todas as torturas do ciúme e do amor desiludido. Ela evitava o mundo; e o mundo, que logo ficou sabendo da situação, evitava associar-se a seu marido. Assim, ela deixou sua existência ser arrastada sem nenhuma companhia, a não ser a de dois galgos notáveis, que seu marido lhe dera antes do casamento. A cavalo ou a pé, sempre estava acompanhada por esses animais — eles e sua afeição eram tudo que poderia chamar de seus na terra.

"Ela morreu jovem. Não sem algumas suspeitas de que seu fim fora apressado — pelo menos, passivamente —, por negligência, se não por meios mais ativos.

"Quando ela se foi, o marido e a irmã se casaram, mas a tradição afirma que a união foi tudo, menos abençoada. Diz-se que, na noite de núpcias, imediatamente após sua acompanhante deixá-la, ouviram-se gritos procedentes do quarto da noiva; e que, ao subirem as escadas, a noiva foi encontrada histérica e o noivo pálido e aparentemente tomado de terror. Depois de um tempo, eles desejaram ser deixados sozinhos, mas, pela manhã, era evidente que nenhuma cabeça havia deitado nos travesseiros. Passaram a noite sem ir para a cama e, no dia seguinte, saíram de casa — ela nunca mais voltou. Supõe-se que tenha enlouquecido e morrido no exterior naquele estado, zelosamente cuidada por ele até o fim. Após a morte dela, ele retornou uma vez a Bellfry, um homem prematuramente envelhecido e melancólico. Depois de ficar alguns dias e destruir várias cartas e papéis, que pareciam ser a razão de sua visita, ele foi embora e nunca mais foi visto naquele condado."

Ai de mim, pela pobre natureza humana! Como somos amaldiçoados na realização de nossos próprios desejos! Como lutamos e pecamos para alcançar o que nunca iremos desfrutar!

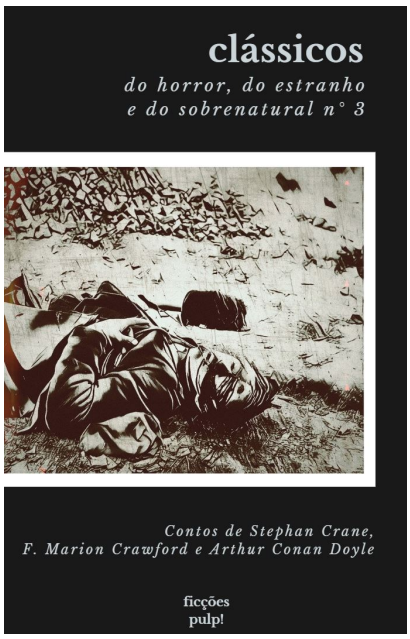
CATHERINE CROWE

Catherine Ann Crowe (1803-1876) foi uma romancista, contista e dramaturga inglesa que também escreveu para crianças. O livro que a estabeleceu como romancista foi *The Adventures os Susan Hopley* (1841). Foi seguido por *Men and Women* (1844), o bem recebido *The Story of Lily Dawson* (1847), *The Adventures of a Beauty* (1852) e *Linny Lockwood* (1854). Crowe se voltou cada vez mais para assuntos sobrenaturais, inspirada por escritores alemães e sua coleção *The Night-side of Nature* (1848) se tornou sua obra mais popular.

O SELO FICÇÕES PULP!

FICÇÕES PULP! é um selo digital que tem por objetivo trazer ao Brasil obras em domínio público, inéditas ou pouco conhecidas, de autores clássicos da literatura fantástica internacional mediante traduções exclusivas, além de incentivar, através da publicação independente, autores brasileiros contemporâneos.

OUTRAS PUBLICAÇÕES



Clássicos do horror, do estranho e do sobrenatural n° 3

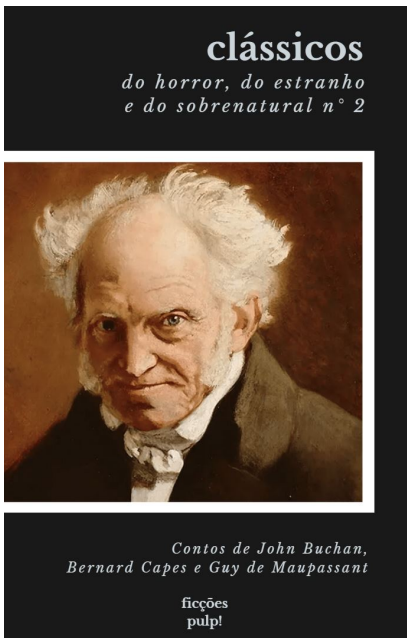
Nesta edição de n° 3, trazemos a vocês contos de um autor celebrado mundialmente, outro relativamente conhecido por estas bandas por suas (poucas, mas ótimas) histórias perturbadoras e um terceiro praticamente ignorado no Brasil.

Os horrores da guerra mostram sua face na primeira história deste e-book. Em **"O rosto voltado para cima"**, de Stephen Crane, dois oficiais precisam testar sua moralidade sob fogo cerrado e enterrar um companheiro morto, cujo rosto voltado para cima, de olhos abertos, enche-os de pavor.

Curta e direta, **"O mensageiro do rei"**, de F. Marion Crawford, é uma história um tanto filosófica de horror que lida com a infame superstição de que a primeira pessoa a se levantar de uma mesa com treze morrerá em um ano.

Por fim, em **"O fiasco de Los Amigos"**, Arthur Conan Doyle debocha da arrogância do homem em decorrência do conhecimento. Os cidadãos de Los Amigos resolvem abolir os métodos bárbaros de execução dos prisioneiros e adotam um recurso tecnológico muito mais "humano": a eletrocussão. Todavia, logo na primeira tentativa, tudo dá errado...

"Clássicos do horror, do estranho e do sobrenatural" é uma série de pequenas antologias que, a cada edição, apresenta três narrativas inéditas de autores clássicos da literatura estrangeira com traduções exclusivas.



Clássicos do horror, do estranho e do sobrenatural n° 2

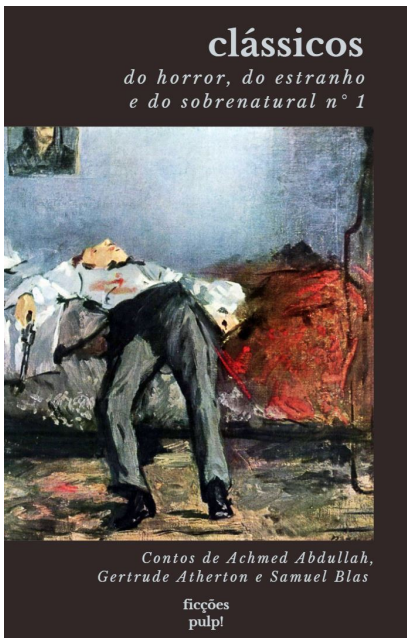
Nesta edição de n° 2, apresentamos dois contos de autores praticamente desconhecidos ao leitor brasileiro e uma história de um contista francês tido como um dos grandes mestres das narrativas curtas em todos os tempos.

“O guarda de Cademuir”, de John Buchan: durante passeio por área remota da floresta de Cademuir, na Escócia, guarda-florestal acaba preso pela mão em uma armadilha da qual é impossível escapar.

“A criança fantasma”, de Bernard Capes: jovem mantém a esperança de reencontrar o noivo, morto durante naufrágio no mar, até que, na noite de Natal, ele regressa ao lar... sob uma forma inesperada.

“O sorriso de Schopenhauer”, de Guy de Maupassant: durante estadia em hotel no litoral francês, hóspede ouve a história de um tuberculoso alemão, discípulo de Schopenhauer, a respeito do medonho sorriso estampado no rosto do cadáver do filósofo em seu próprio velório.

“Clássicos do horror, do estranho e do sobrenatural” é uma série de pequenas antologias que, a cada edição, apresenta três narrativas inéditas de autores clássicos da literatura estrangeira com traduções exclusivas.



Clássicos do horror, do estranho e do sobrenatural n° 1

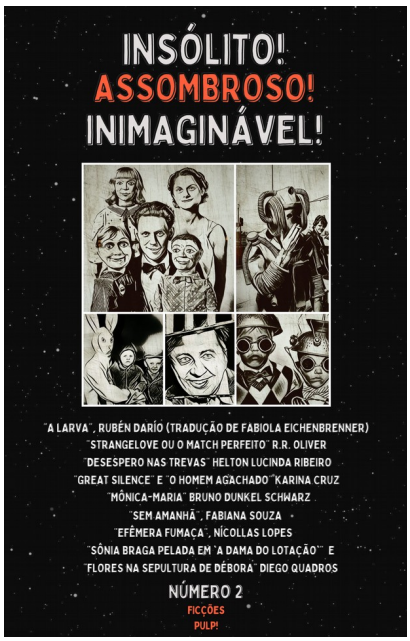
“Clássicos do horror, do estranho e do sobrenatural” é uma série de pequenas antologias que, a cada edição, apresenta três narrativas inéditas de autores clássicos da literatura estrangeira com traduções exclusivas.

Neste n° 1, apresentamos ao leitor brasileiro contos de autores praticamente desconhecidos no País.

“Luz”, de Achmed Abdullah: ao perder sua fortuna em um colapso financeiro, um homem é obrigado a viver em bairro pobre de operários na cidade de Nova York, onde, todas as noites, ao sentar-se na praça, observa fixamente a única janela com luz acesa do prédio em que reside.

“A Morte e a mulher”, de Gertrude Atherton: enquanto o marido padece no leito em seus momentos finais, sua aflita esposa aguarda ao seu lado pela chegada da Morte em pessoa.

“Vingança”, de Samuel Blas: em viagem de lua de mel, ao retornar de uma pequena saída para a compra de mantimentos, marido encontra sua esposa brutalmente atacada no acampamento do casal; agora, tudo o que ele deseja é vingança.



Insólito! Assombroso! Inimaginável! | Nº 2 |

A edição de nº 2 desta já clássica revista apresenta grandes novidades. Temos a tradução de um primeiro conto de língua espanhola. Também apresentamos mais autores contemporâneos, um maior número de contos e, consequentemente, um grande número de páginas: são mais de 100! E, pra fechar em grande estilo, a partir de agora incluiremos ao final do e-book desta coleção a adaptação de uma história da chamada "Era de Ouro" dos quadrinhos estadunidenses, com direito às imagens originais e link para baixar a versão digitalizada (lembrando que são obras em domínio público).

Em **"A larva"**, breve e acurada narrativa do escritor nicaraguense Rubén Darío, um garoto escapa de casa para assistir a serenatas, mas, no meio de sua aventura, encontra algo assustador. A tradução é da autora paraguaia Fabiola Eichenbrenner.

"Strangelove ou o match perfeito", de R.R. Oliver, conta uma história de amor nada convencional. Mas, convenhamos: nenhuma é.

Karina Cruz apresenta dois contos de épocas e temáticas diferentes. Na trama de **"Great silence"**, o medo domina a Suécia, em 1675, onde inocentes são acusados, torturados e culpados por atos não cometidos. Como saber se seu vizinho, ou até mesmo você, seria considerado um pagão diante da igreja?

Em **"O homem agachado"**, Miguel recebe uma estranha encomenda do irmão já morto. Após a chegada do curioso presente, sua rotina reclusa rapidamente se transforma em algo mais obscuro e absurdo do que ele poderia supor.

Bruno Dunkel Schwarz avisa na logline de seu **“Mônica-Maria”**: Mônica era uma menina certinha até que quase morreu. Ah, spoiler alert! Bem, se soubessem o que aconteceu após evocar uma certa criatura fantasmagórica... isso sim, seria desvendar mistérios. Mas entre o sabor doce da vingança e o sofrimento dos que habitualmente são fortes com os fracos, muito sangue vai correr...

Em **“Desespero nas trevas”**, de Helton Lucinda Ribeiro, estranhos fenômenos assustam a equipe responsável pela construção da barragem que vai inundar a pequena cidade de Capela do Riachão. Mal sabem eles que estão prestes a fazer uma descoberta sinistra: um segredo bem enterrado do passado do vilarejo.

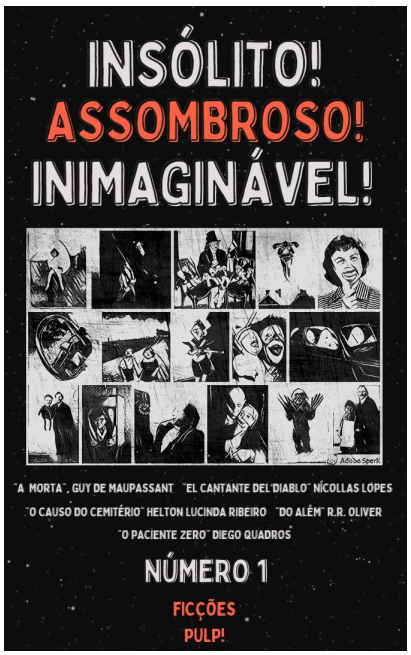
Fabiana Souza, em **“Sem amanhã”**, fala sobre a ameaça de um ataque nuclear que motiva um carnaval fora de época na cidade do Rio de Janeiro, onde a população aproveita a suposta última noite de suas vidas.

“Efêmera fumaça”, de Nícollas Lopes, desenvolve-se a partir da seguinte premissa: enquanto aguarda atendimento em hospital, paciente reflete sobre as circunstâncias de sua enfermidade e os planos para o futuro, nessa curta narrativa sobre a imprevisibilidade e a efemeridade de nossas existências.

Diego Quadros também traz duas narrativas, uma original e uma adaptação. Na primeira, **“Sônia Braga pelada em ‘A dama do lotação’”**, Horácio, detetive do oculto, é convocado pelos militares, durante os últimos meses do governo Geisel, para investigar misteriosos cadáveres humanoides carbonizados em incêndio numa casa de detenção clandestina da Aeronáutica.

Por fim, **“Flores na sepultura de Débora”** é baseada na história *Flowers on Debora’s Grave*, da revista em quadrinhos “Adventures into Darkness”. A velha Ana descobre que seu amor não é correspondido pelo coveiro Tenório devido à presença de uma rival... inusitada.

“Insólito! Assombroso! Inimaginável!” é a série do Ficções Pulp! que traz histórias além da imaginação do leitor. Personagens transitando entre a zona do crepúsculo e os limites exteriores. Narrativas de fantasia, horror, ficção científica, aventura, mistério ou sobre o fardo de nossas realidades, escritas por grandes nomes da literatura universal, com tradução exclusiva, e pelos novos talentos da ficção brasileira contemporânea.



Insólito! Assombroso! Inimaginável! | Nº 1 |

"Insólito! Assombroso! Inimaginável!" é a nova série do Ficções Pulp! que traz histórias além da imaginação do leitor. Personagens transitando entre a zona do crepúsculo e os limites exteriores. Narrativas de fantasia, horror, ficção científica, aventura, mistério ou sobre o fardo de nossas realidades, escritas por grandes nomes da literatura universal, com tradução exclusiva, e pelos novos talentos da ficção brasileira contemporânea.

A edição de nº 1 apresenta cinco contos que exploram a morte em variadas facetas: zumbis, aparições, vampiros e as insanidades da Inquisição.

"A morta", narrativa pungente de Guy de Maupassant, perdura na memória como exemplo da maneira com a qual um cadáver que se ergue do túmulo é capaz de arruinar os vivos sem um único ato ou pensamento de violência.

Na tragicômica **"El cantante del Diablo"**, de Nícollas Lopes, um zombeteiro violeiro, em plena inquisição, vai de taberna em taberna apresentando seu repertório em troca de dinheiro e diversão. Tamanha heresia, entretanto, não agrada ao Santo Ofício.

Helton Lucinda Ribeiro, em **"O causo do cemitério"**, oferece uma trama repleta de originalidade e bom humor. Quando uma criatura misteriosa (um chupa-cabra?) começa a atacar os bezerros de dois boiadeiros em Embu da Peste, o único refúgio possível é o... cemitério. Será mesmo?

R.R. Oliver, por sua vez, demonstra todo seu poder de concisão em uma narrativa curta e certeira. Um casal, uma noite, um filme de terror. Mas existe algo errado no ar. Algo... **"Do além"**.

Já em **“O paciente zero”**, Diego Quadros especula quais transtornos psicológicos poderiam acometer um homem curado da praga zumbi, mas atormentado pelas lembranças de sua existência como uma besta faminta e irracional.